

## ■ Trabalho e produção de subjetividade<sup>1</sup>

Thiago Drummond

Um dia desses um colega do curso de psicologia chamou-me para realizar, junto com ele, um trabalho muito interessante. Tratava-se da produção de um vídeo sobre um assunto que desperta interesse de boa parte das pessoas. Em seu convite inicial, chamou-me para uma conversa descompromissada sobre a idéia que tivera. Mas esta idéia foi ganhando, a partir dos nossos encontros, contornos mais precisos e começou a tomar ares de projeto. Vimos, pois, que não seria muito difícil transformar esse projeto em produto, pois tínhamos à mão a arma principal: nosso conhecimento sobre o assunto e nossa capacidade de apreendê-lo e demonstrá-lo através da produção de um vídeo. Em função de vivermos em uma realidade fortemente influenciada pela mídia, o acesso a bons serviços e a bons aparelhos de produção de imagens não seria obstáculo, restando a nós a tarefa única de articular devidamente esses serviços. Concluímos, então, que produzir um vídeo seria um ótimo trabalho a ser realizado.

Passado algum tempo, ao refletir mais atentamente sobre a natureza dessa atividade produtiva que faria com meu amigo e implicado na leitura sobre as transformações no universo produtivo contemporâneo, deparei-me com uma constatação: será tão simples assim analisar essa experiência de "produzir um vídeo", não tão incomum, diante das transformações do capitalismo atual? Quais teorias sociais melhor servem para interpretá-la? Quais a sua relação com as nas novas dinâmicas econômicas, produtivas, sociais e de poder? Qual a relevância ou irrelevância de uma simples atividade como "produzir um vídeo" em um sistema sócio-político que está em profunda reviravolta e que, constantemente, apresenta sinais de crises e de sucessos? Como interpretar essa atividade diante de movimentos crescentes que se agrupam sob o nome de *antiglobalização*?

<sup>1</sup> Esse artigo é baseado na dissertação Tempo-espço e produção de subjetividade: o trabalho na sociedade de controle, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lívia do Nascimento.

De fato, embora as transformações no mundo do trabalho capitalista envolvendo a reestruturação produtiva venham se tornando condição *sine qua non* para a sobrevivência das empresas em um mercado cada vez mais integrado e competitivo, no Brasil as teorias e propostas políticas capazes de apreender em profundidade acontecimentos simples como esse, de se "produzir um vídeo", ainda não apresentaram alterações correlatas. Se, por um lado, as discussões de parte da sociologia, economia e administração já apontam para as novas tendências produtivas da contemporaneidade, por outro lado, as interpretações dessas transformações sociais como parte de uma determinada dinâmica do poder e de novas relações social ainda são muito incipientes nos debates nacionais. Assim, não compreendemos ao certo qual a dimensão do novo universo produtivo, quem e o que são as novas figuras do trabalho, quais as dinâmicas políticas e produções de subjetividades aí implicadas e quais os sentidos, caminhos e reivindicações sociais disparadas nesse sistema produtivo e, fundamentalmente, quais as particularidades desse novo cenário no Brasil.

Na verdade, não podemos ignorar o esforço de alguns teóricos brasileiros que buscam apresentar dados e analisar algumas tendências dessas transformações. Uma abordagem muito destacada entre eles toma como eixo central de análise as inovações do modo de produção industrial e uma consequente reorganização política-econômica mundial denominada por vários autores como neoliberalismo. Disparada a partir das discussões sobre o surpreendente sucesso produtivo e social do Japão durante a década de 70, essa leitura toma como foco a idéia de que as alterações do universo de trabalho centralizam-se em torno das transformações da indústria, seja em sua cadeia produtiva, seja através da sua nova relação com o consumo e com os trabalhadores. Para essas análises, nas transformações nos modos de produção dos anos 70 e 80 se observa a inauguração de um modelo produtivo bastante flexível e apto a atender de imediato às pressões de um mercado consumidor, cada vez mais exigente e diversificado. Somam-se a isso as discussões sobre o esforço dos capitalistas na tentativa de reagir às sucessivas conquistas dos trabalhadores ao longo da década de 60 nos países centrais.

Todavia, se quisermos analisar a natureza do trabalho de "produção de um vídeo", as relações produtivas subjacentes a ele e os mecanismos de

controle e as estratégias envolvidas na produção de mais-valia que se exercem sobre esse trabalho, logo ficamos cientes de que não podemos utilizar aqui as clássicas interpretações sobre o modo de produção industrial como mecanismo central nas relações entre capital, trabalho e produção de subjetividade. A atividade "produção de um vídeo" e as relações sociais, de trabalho e de poder nela envolvidas não se esgotam nas teorias do trabalho que tomam o toyotismo e as recentes revoluções no sistema produtivo industrial e político-administrativo como fenômeno central das dinâmicas produtivas, econômicas e sociais no mundo contemporâneo.

Apenas afirmar esse fato - que pode parecer óbvio para muitos- não é de todo suficiente. Isto porque sempre existiram, ao longo das diversas transformações do capital, atividades que não podiam ser realizadas dentro das indústrias. Seguindo essa idéia, a atividade que não se enquadra nas linhas de montagem das indústrias serve como apoio estratégico à lógica produtiva industrial, operando nos nichos sociais específicos, atendendo às demandas particulares e cada vez mais complexas da contemporaneidade. Mas, para essas teorias, a produção de bens de consumo não industrializados é, de uma forma geral, um pouco mais que fenômenos periféricos que enriquecem as ofertas de produtos aos consumidores. A produção pós-industrial não será, nunca, um substituto da centralidade da indústria e do trabalho industrial e assalariado.

Contrários a essas análises e apoiados nas discussões dos teóricos operaístas, podemos interpretar as características singulares da atividade de "produção de um vídeo" como parte de um conjunto de fenômenos centrais na configuração das novas dinâmicas sociais e de poder do capitalismo contemporâneo. Esses fenômenos podem ser aglutinados, por um lado, sob o conceito de trabalho imaterial - no tocante às suas particularidades produtivas e sua centralidade dentro das novas dinâmicas do capital. Por outro lado, revela outros mecanismos e diagramas de poder que se conceituam sob o nome de sociedade de controle.

Através de uma experiência pessoal de produção de produtos imateriais, consegui apreender mais atentamente a profundidade e conseqüências desse sistema produtivo e da extensão do conceito de trabalho imaterial. Utilizo nesse texto essa experiência para ilustrar e discutir alguns elementos que giram em torno do trabalho imaterial como um sistema produtivo que vem assumindo

proporções cada vez mais centrais na paisagem sócio-econômica da contemporaneidade.

### **Experiências produtivas, relações de trabalho e relações sociais singulares**

O trabalho em questão é a produção de um vídeo de entrevistas sobre um assunto específico muito comum na vida das pessoas que eu e meu amigo estamos empreendendo. Para iniciar a discussão cabe apontar aqui que a própria natureza do trabalho de produzir um vídeo, bem como sua matéria-prima e seu principal instrumento de trabalho se diferenciam amplamente das tradicionais linhas de produção industrial. De uma forma geral, mais importante que produzir *zilhões* de cópias da fita para serem distribuídas ao mercado - e rezar para que o mercado as absorva - ou produzi-las de acordo com o aumento da sua demanda ou a partir de pesquisas exploratórias e gostos, o que queremos através do nosso trabalho é realizar um bom conteúdo para essa mídia que, pela sua qualidade e eficácia, será capaz de disparar a produção e venda das fitas. Ou seja, a venda em grande escala do produto será consequência de uma devida operação no processo de produção de imagens, sons e conhecimento, linguagem, afetos. Ora, se o modo de produção taylorista tinha como meta a produção máxima de "seja quantos 'fusquinhas' forem" para vender a um custo barato e popular, no nosso caso o que mais queremos é disparar interesses, desejos, discussões que se articulam com a própria produção de subjetividade. E, contrário ao toyotismo que tenta adequar a produção ao gosto do consumidor, o que queremos, em última instância, é produzir esse consumidor.

Lazzarato e Negri (2001) bem o afirmam:

"A 'matéria-prima' do trabalho imaterial é a subjetividade e o 'ambiente ideológico' no qual esta subjetividade vive e se reproduz. A produção da subjetividade cessa, então, de ser somente um instrumento de controle social (pela reprodução das relações mercantis) e torna-se diretamente produtiva, porque em nossa sociedade pós-industrial o seu objetivo é construir o consumidor/comunicador" (Lazzarato e Negri, 2001:46-47).

Vamos ilustrar isso melhor. Devemos articular, antes de tudo, a emergência do trabalho imaterial com as novas formas de produção e, em especial, com a importância que vem adquirindo o setor de serviços. Hardt e Negri (2001) concebem os serviços como um amplo leque de atividades que englobam desde os cuidados com a saúde, a educação, as finanças, transportes, até as indústrias de entretenimento, publicidade e informação. O que caracteriza este setor é, sobretudo, o "papel central desempenhado pelo conhecimento, informação, afeto e comunicação. Neste sentido, muitos consideram a economia pós-moderna como uma economia informacional" (Hardt e Negri, 2001:306).

Se lembrarmos a posição estratégica que o consumo adquire na pós-modernidade, veremos que a articulação produção/consumo tem como pilar estratégico a gestão da informação, pois através dela a indústria se acomoda às variações do consumo transformando essas variações em informações instrumentais, permitindo à linha de montagem modificar adequadamente a forma do produto final. Ora, Lazzarato e Negri (2001) argumentam que é exatamente o trabalho imaterial que articula essa nova relação do consumo/produção, já que

"o trabalho imaterial se encontra no cruzamento (é a interface) desta nova relação produção/consumo. É o trabalho imaterial que ativa e organiza a relação produção/consumo...através do processo comunicativo ...[que] dá forma e materializa as necessidades, o imaginário e os gostos do consumidor. E estes produtos devem, por sua vez, ser potentes produtores de necessidades, do imaginário, de gostos. A particularidade da mercadoria produzida pelo trabalho imaterial ... está no fato de que ela não se destrói no ato do consumo, mas alarga, transforma, cria o ambiente ideológico e cultural do consumidor. Ela não reproduz a capacidade física da força de trabalho, mas transformar o seu utilizador" (p. 45-46).

E isso se dá porque o trabalho imaterial, através da comunicação, permite produzir consumidores, desejos, necessidades.

Vejamos como isso acontece no nosso caso em questão. Através dos encontros entre eu e meu amigo, produziram-se muitas coisas importantes. Em primeiro lugar, este é um investimento psíquico-afetivo calcado, em última instância, na cooperação entre colegas. Em função da nossa história semelhante, nossa cultura parecida, nosso percurso social e profissional muito aproximado,

a garantia de que o que planejamos realizar se efetive em produto está calcado em um sentimento: desejo. É, pois, um investimento produtivo calcado mais na amizade, no companheirismo, na troca imediata de idéias, de ação, de significado e de colaboração do que no dinheiro. A cooperação e a solidariedade se tornam, então, os eixos principais da produção. Além disso, a idéia inicial surgida na cabeça do meu amigo estava fadada a perecer se nela ficasse por algum tempo a mais. No entanto, ele apostou na esfera do coletivo, na troca de experiência e sua idéia foi se firmando, ganhando ares de precisão, de realidade. A idéia passou pelo terreno da linguagem, pelo crivo do social, pela força da criação e se tornou produto. A cooperação e a solidariedade se tornaram, em nosso caso, os eixos principais da produção do qual garantimos a autonomia de produzir sem necessitar, de antemão, de qualquer outro instrumento de trabalho além da nossa relação social e de nossos cérebros. Produziu-se, enfim, agenciamento e subjetividade.

Nenhum robô seria capaz de substituir-nos, visto que é esse trabalho "humano" - imediatamente social, lingüístico, afetivo e comum - que garante a produção imaterial e emerge como eixo central na produção de qualquer indústria e, ainda mais marcadamente, na produção pós-industrial. Daí verificar-se que o que importa atualmente como instrumento da produção é a capacidade de organizar, orientar, articular os diversos elementos da sociedade para desencadear um produto final capaz de ser absorvido com prontidão pelo mercado. E isso só se efetiva através da comunicação e das relações sociais e afetivas.

Todavia, a informatização é apenas uma das faces do trabalho imaterial, face essa que inclui, como dito, aspectos fundamentais da cooperação e da socialização da mecânica produtiva. Mas existe também uma outra face fundamental do trabalho imaterial que é, inclusive, o aporte principal da nova dinâmica do poder na sociedade de controle<sup>2</sup>: trata-se do trabalho afetivo. É, pois, pelo disparar de sentimentos e emoções, pelo cuidado da saúde, pela importância dada aos sentimentos na atualidade, que vemos emergir um estratégico investimento na esfera dos afetos. As indústrias de entretenimento trabalhando as emoções, as propagandas vinculando marcas e imagens atreladas a fortes sentimentos pessoais

<sup>2</sup> Calcada no biopoder. Sobre o assunto ver Hardt e Negri (2001).

e toda a problemática da educação e da saúde na contemporaneidade são exemplos que ilustram como a produção de subjetividades, de consumidores e de desejos são, em última instância, produções de afetos, sensações ou vertigens. Essas sensações e afecções são também calcadas em operações sobre as dinâmicas sociais da multidão.

Articulando a linguagem, o afeto e a comunicação produzidos pelo trabalho vivo da multidão, o trabalhador imaterial cria novos sujeitos consumidores, insaciáveis em suas necessidades e capazes de demandar produtos que satisfaçam prazeres produzidos por um imaginário colonizado pelo capital em uma época de subsunção real. É, também, pelo trabalho imaterial que se garante que os gostos e criações da multidão se transformem em identidades comercializáveis e produtivas para o capital. Daí, num duplo esforço de captar/explorar a produção da multidão, oferecendo-se a ela identidades/modelos comercializáveis, segmentando e estratificando a multidão em uma miríade de identidades consumidoras, o trabalho imaterial garante que o universo do consumo dispare a produção industrial, comercial e pós-industrial a partir do seu desejo. Usa as subjetividades da multidão como matéria-prima para produzir desejo e subjetividade capitalizáveis. Desejo esse que se torna o produto estratégico do capital, adequadamente trabalhado através de atividades intelectuais, afetivas e imateriais.

Esse processo de usurpação e exploração dos movimentos culturais, políticos e sociais é estruturado por redes de pequenas empresas capazes de inventar produtos, oferecer serviços e criar identidades que agradam aos diversos segmentos do mercado. Através dessa rede de produção de linguagem e identidades, as pessoas sentem e se sentem, afetam e se afetam, consomem e se consomem através de formas de ser bem específicas e delineadas. Essas formas de ser são múltiplas e cambiáveis e se espera que cada um continue com seu gosto particular, experimentando e vivendo em um terreno supostamente democrático e relativamente tolerante. O problema do poder se exerce aqui em sua mais sutil capacidade de atuação, já que "o que o trabalho afetivo produz são redes, formas comunitárias, biopoder" (Hardt e Negri, 2001:314). Voltaremos a isso em breve.

Antes um resumo: no trabalho imaterial o desejo é o seu produto, a subjetividade sua matéria-prima, enquanto a comunicação se transforma no meio funda-

mental de intervir e desencadear esse sistema produtivo, ou seja, o instrumento de trabalho.

### **As redes de produção de relações sociais: a centralidade do trabalho vivo**

Tudo o que eu e meu amigo fizemos até então não envolveu qualquer forma de pré-formatação produtiva ou determinado percurso a seguir. Não há modelo prévio. Apenas ação e contatos sociais que se estabelecem durante o próprio fazer. O que produzimos, além das idéias - fizemos inúmeros contatos com prestadores de serviço e empresários da área de produção de imagens, financiadores possíveis para a confecção do produto, contato com os possíveis entrevistados, etc. - tudo isso se refere, fundamentalmente, a uma articulação das forças sociais que estão colocadas no momento na cidade em que residimos. Trata-se, pois, de uma operação de assuntos, elementos, dados imediatamente sociais, territoriais, temporais e, sobretudo, imateriais. Um trabalho de operação das forças sociais que, nessa articulação, permitirá a obtenção de dinheiro para nós e produzirá mudanças imediatas naquilo em que estamos operando.

Forças produtivas - de produtos, de subjetividade e de vida - nos atravessam, ligando-nos à construção de um novo olhar sobre o mundo, sobre as relações sociais e que nos empurra na busca de socialização desse olhar. A confecção do vídeo, atravessado por essas forças sociais, é uma reinvenção da realidade através de uma singular articulação das forças sociais que aí estão. A essas forças que humanizam o homem, tornando-o animais históricos e sociais dotados da capacidade singular de transformar e criar o seu mundo, Marx denomina trabalho vivo. A produção desse vídeo está imersa, portanto, nesse universo singular do homem, nessa sua atividade diferenciadora e heterogénica: a invenção/diferenciação do mundo e de si. Eis aqui um outro pilar do trabalho imaterial: tomar o trabalho vivo como seu eixo central.

Ao confeccionar o vídeo estamos apenas operando o social e o fazemos vivendo. Em cada momento do meu dia-a-dia eu tenho *insights* que me auxiliarão na produção do material final. E é apenas através de minha vida social que esse material receberá contornos precisos e concretos. A minha



autonomia, por um lado, é quase total, pois só poderei produzir o vídeo se estiver fazendo aquilo que quero e que posso fazer, garantindo que as coisas fluam de uma maneira positiva para a produção final.

Por outro lado, essa atividade de produção do vídeo, como veremos adiante, estará sujeita a uma série de restrições e usufrutos das grandes empresas, fundamentalmente no tocante à venda e divulgação do produto. Isso significa dizer que, se por um lado não foi senão através da participação estratégica do trabalho imaterial na nova dinâmica produtiva da sociedade capitalista que o trabalho vivo pode ser alçado ao centro da sua produção, por outro lado, o capitalismo vem conseguindo usurpar o trabalho vivo da multidão através do esforço em capturar o trabalho da multidão num movimento de capitalização e comercialização de subjetividade. É, então, pela paradoxal figura do trabalho imaterial que o trabalho vivo se lança ao centro da produção garantindo ao capital sua usurpação e exploração *a posteriori*, bem como um relativo controle lucrativo sobre ele.

Mas vejamos um outro aspecto. Ao produzir conhecimento, sentidos e afetos através do contato que as pessoas terão com o conteúdo do vídeo, supomos que elas estarão sujeitas a transformações na maneira que se relacionam com o mundo. Assim, ao trabalhar com o *layout* do vídeo, com a edição, formatação e divulgação, o que estaremos realizando será apenas uma parte de todo o resto do trabalho que será operado pelas próprias pessoas ao adquirirem o material. As pessoas utilizarão o que lhe ofertemos da maneira que bem lhes convir, procedendo como for possível e a partir de seus interesses individuais. Sabemos, pois, que os efeitos dessa operação de consumo e usufruto do vídeo serão relacionados às pessoas e somente a elas e às suas potências criativas. Não temos controle do efeito do nosso produto. O que se dará nesse encontro vídeo-pessoas será efeito de um trabalho vivo, histórico e político. Essa parte do trabalho que compete somente às pessoas será tão importante quanto a parte por nós realizada. Na verdade, até mais, visto que nosso vídeo ficará entregue às moscas caso ele não "cole", conseqüentemente não gerando renda para nós. Por outro lado, caso esse encontro vídeo-pessoas se torne "acontecimento", produzir-se-á aqui nada mais que renda e subjetividade: desejo, valor, afeto, significado. Tudo isso será disparado, inevitavelmente, por uma única e imediata realidade social que está

...  
aí; efeitos e produtos da vida, dos encontros, da realidade. Uma imanente força social calcada em seu aspecto comum: a vida, o afeto, o desejo. Esse nosso trabalho é, pois, um trabalho inevitavelmente social.

### **Estratégias de controle sobre o trabalho imaterial: novo diagrama de poder**

Todavia, no caso da produção do vídeo temos dois grandes problemas a enfrentar. O primeiro concerne ao aspecto financeiro. Como obteremos dinheiro para editá-lo e confeccioná-lo, gravar as entrevistas, etc.? Somos apenas dois recém-formados cidadãos que, além de nossa disposição, não temos muito *cash* para investir em um trabalho tão arriscado. Sabemos que existem algumas fontes de renda. Nosso Estado concede algumas verbas para projetos culturais realizados por cidadãos aqui residentes que tenham interesse em produzir cultura pelo Estado e para o Estado. Trata-se, nesse caso, de ter acesso a bens mais ou menos públicos para realizar um produto mais ou menos público. Não foi, de fato, senão através do acesso a bens públicos que as redes produtivas de pequenas empresas na Itália conseguiu se estabelecer. O acesso a investimentos públicos e a repartição da acumulação é, portanto, um elemento fundamental para a estruturação da produção pós-industrial. Mas existem também outras vias.

Em nossa cidade algumas universidades privadas terão, provavelmente, interesse em atrelar os seus nomes ao conteúdo da fita. Pediremos a elas um auxílio para a produção do material. Todavia, sabemos que esse caminho de investimento impõe-nos a condição de vincular nosso produto à marca da instituição financiadora através de propagandas na edição, vendagem etc. Essa troca de "favores" entre nós e os financiadores traz algumas conseqüências curiosas: tentaremos não atrelar o conteúdo do vídeo à marca, porém a fita, como produto, será patrocinada pelos investidores. Assim, embora venhamos a manter certa autonomia sobre o conteúdo, os investidores provavelmente irão querer ver este conteúdo antes de permitir a distribuição final do produto com a marca deles. Isso é, na verdade, um relativo controle que, a princípio, não desejávamos para o nosso produto.

O que querem as instituições privadas é, na verdade, vincular suas marcas a produtos, eventos e relações sociais. Um trabalho de *marketing* que se dá na

exploração do trabalho vivo da multidão. Esse mecanismo publicitário é um sistema muito interessante através do qual se atrela a marca da instituição a assuntos sociais numa aposta de que, ao pensar nessa marca, as pessoas possam lembrar, também, das suas realizações. Uma maneira muito inteligente e confortável de se aproveitarem da vida social *a posteriori*. Uma estratégia de controle e acumulação sobre o que se produz fora da organização institucional. Uma garantia de que as coisas que acontecem "por aí" no mundo seja aproveitadas para produção de renda. Criar mais-valia a partir das relações e fluxos sociais. A marca, produto de um trabalho imaterial, é também um instrumento imaterial de capitalização da produção do trabalho vivo da multidão e mecanismo de controle sobre o trabalho vivo da multidão.

O outro problema por nós enfrentados gira em torno de um aspecto mais estratégico: como faremos para vender o produto? Aqui nos encontramos numa encruzilhada: se, por um lado, gostaríamos de ter completa autonomia sobre a venda do produto, por outro lado, sabemos que só conseguiremos vender em quantidade - e com isso obter a divulgação desejada - se buscarmos o apoio de distribuidores especializados no conteúdo contemplado pela fita. Para isso, entraremos em contato com revistas especializadas no assunto do vídeo. Essa necessidade de divulgação retirará ainda mais o aspecto autônomo da produção, já que o elemento final (a venda) será garantido por uma marca famosa de revista que trabalhou bastante sua inserção no mercado explorando justamente aquilo que fazemos: a nossa capacidade de produzir nas relações sociais, aproveitando e operando o nosso encontro com o mundo através de desejo, afeto, comunicação, cooperação e solidariedade. Uma exploração de nosso trabalho que garante não só a nossa renda, mas também a mais-valia de um produto que nasceu na própria sociedade sem que eles (o grupo que controla a revista) tivessem sequer interesse ou idéia em criar tal produto. Assim, numa paradoxal investida social, teremos um máximo de autonomia para a produção e um máximo de extração de mais-valia pelos capitalistas sem que estes venham a sequer intervir na produção, bastando nos dar algum dinheiro e colar no produto as suas marcas. Um máximo de autonomia e um máximo de usurpação, parasitismo. Capital só para divulgar? Como se desatrelar da marca?

Essa nova articulação do capital em torno da produção de mais-valia através da sua absorção direta e *a posteriori* sobre o trabalho vivo da multidão

configura um novo diagrama de poder no qual a reestruturação produtiva e a produção pós-industrial é apenas parte do processo. De fato, não é senão a partir da produção de novas subjetividades e novas relações sociais que a sociedade de controle se produz e se atualiza. E não se pode ignorar aqui o papel empreendido pelas resistências no engendramento desse cenário. Entretanto, basta-nos compreender por hora que o trabalho imaterial indica uma outra lógica de relação espaço-temporal em que os instrumentos e mecanismos de poder se coadunam mais com a lógica da sociedade de controle que da sociedade disciplinar. Novo modo de produção, nova lógica do poder. Vida e subjetividade inseridas na cadeia produtiva e nos mecanismos de controle: trabalho imaterial e biopoder.

A sociedade de controle é, pois, um diagrama de poder que pressupõe a produção de homens para além dos corpos dóceis da sociedade disciplinar. As energias mecânicas dos homens máquinas dos séculos XVIII e XIX já não são suficientes para fazer a máquina capitalista proliferar. Autonomia e auto-investimento dos homens empreendedores e cibernéticos do século XX e XXI permitem o usufruto de muito mais energia por parte do capital. E essa fonte parece inesgotável. O paradoxal controle sobre a autonomia de nossa contemporaneidade se imiscui à paradoxal liberdade vigiada da disciplina. Um filme de *Hollywood* nos ilustra isso muito bem.

### **Matrix: extração de energia e controle**

Recentemente um filme hollywoodiano, nas esteiras do dark high tech, impressionou multidões de telespectadores. *Matrix*, com seu linguajar pós-modernista, surpreendeu o público ao "brincar" sobre as certezas do real. Seu enredo, calcado em intrigantes delírios acerca da realidade virtual, leva ao extremo o trânsito dos personagens entre a realidade virtual e a realidade "real". Em nenhum desses planos há primazia sobre o funcionamento biológico ou psíquico das pessoas: a dor, o prazer, o sentimento em um plano de realidade é sentido com toda intensidade pelo corpo no outro plano - podendo-se até mesmo matar o corpo real matando-se o corpo virtual correspondente.

Esse filme, mesmo que com um enredo central bastante "americanóide" - a eterna figura do galã-herói, do bandido poderoso e da princesa

apaixonada -, deixou muitos atônitos em função de sua riqueza cinematográfica, sua estética radicalmente gótica, seu inovador jogo de câmeras, seus brilhantes efeitos especiais, uma original reinvenção da estética do tempo e do espaço e também pelo seu roteiro original. Mas o filme também pode nos servir como uma interessante ilustração sobre o que se passa na contemporaneidade.

A história do filme é baseada numa nada original guerra entre homens e máquinas, que seria travada em um período vindouro da humanidade, produto de um desenvolvimento irrefreável da inteligência artificial. Num certo momento da história, essas máquinas inteligentes assumiram autonomia sobre seu próprio funcionamento e começaram a implementar seu próprio mundo. A construção desse mundo desencadeou uma guerra contra a humanidade e a conseqüente escravidão dos homens. Contudo não se tratava de uma escravidão qualquer, e aqui reside a originalidade do filme. O interesse que as máquinas tinham pelos homens era simplesmente em função da energia biológica que estes produziam. É, pois, dela que as máquinas se alimentavam e conseguiam "viver". Para conseguir, "espontaneamente" a doação dessas energias, as máquinas começaram a, literalmente, produzir seres humanos em série. Foram criadas infindáveis "plantações" de homens.

Nessas plantações, os humanos eram mantidos em estado corporal letárgico dentro de bolhas biologicamente controladas - a temperatura, alimentação e estímulos musculares necessários eram devidamente controlados. Permaneciam nessas bolhas durante toda sua vida, sempre conectados a uma Matriz - um programa de computador central - que interligava todos os homens, fazendo-os viver na realidade "virtual" aquilo que seus corpos não poderiam viver "realmente". Todavia, todas as sensações "virtuais" eram sentidas e manifestadas também pelos corpos reais que, através delas, produziam energias que seriam canalizadas, extraídas dos corpos e enviadas para a alimentação das máquinas.

Nessa matriz, os seres humanos viviam como vivemos agora, trabalhando, transando, comendo, cantando, drogando-se, roubando, nascendo, matando, indignando-se, inventando... Cada homem vivia a sua vida, tudo era possível, não existia um determinado plano a ser seguido. A matriz não produzia robôs e vidas seriadas. A vida era a experiência de cada um; não se intervinha, em geral,

nesse processo. Mas, para controlar os possíveis desvios que eclodiam e impediam a "livre" experiência dos "vegeta-humanos", existiam guardiões virtuais da Matriz que intervinham quando precisasse, eliminando o foco de rebeldia. Esses focos de rebeldia buscavam, literalmente, acordar os homens de seus estados letárgicos, colocando-os para funcionar não mais ligados à matriz, mas dando-lhes autonomia para tomarem de assalto e se apossarem de suas próprias experiências pessoais. O filme se desenrola nesse embate controle-libertação.

Talvez com um certo exagero, parece que vivemos situações paralelas atualmente. Estamos, de certa forma, imersos em uma matriz - um programa central "virtual" - de redes e formas de subjetividades e poderes que nos faz falar e ser, e de onde extraímos nossa realidade. Nessa matriz realizamos conexões as mais variadas possíveis donde produzimos as energias fundamentais para "viver": o desejo. Somos, também, produzidos em séries como no filme. Várias desses programas-subjetividade atravessam nossos corpos e nos fazem sentir, experimentar e criar realidades e relações que chamamos de vida, de real. No entanto, parte dessas "matrizes", as subjetividades, são criadas pelo encontro dos corpos com máquinas, quase como aqueles encontros simbióticos, invasivos e intracorpóreos que o filme retrata. Em alguns desses momentos sentimos que se extraem as nossas energias tal qual ocorre no filme e chegamos mesmo a sentir que nos tornamos escravos de máquinas e instituições - o mundo do trabalho capitalista é um bom exemplo desses momentos. Estes fazem-nos produzir, pura e simplesmente, para que da nossa vida, de nosso esforço, extraiam o poço de energia que as sustentam, mantendo-nos, para isso, produzindo certos tipos de mundos, de vidas, de relações e de experiências sociais as mais diversas. Produzir um vídeo, uma "escolha livre" entre "tantas possíveis" que eu e meu amigo fizemos, será sempre muito bem vinda a uma "matriz"/capital-virtual ávida de energia e poder.

Por outro lado, há uma série de "programas", ou instituições de controle em nossa "matriz" central. Essas instituições são forjadas não apenas para vigiar o funcionamento e o encontro dos nossos corpos, mas também para nos fazer funcionar de determinada maneira e não de outra. São aparelhos que operam não só pela força, mas também pela construção de formas de ser, e agem assim que percebem que o movimento dos homens está atrapalhando a "livre circu-

lação" de mercadorias, idéias, comportamentos, atitudes. São, portanto, instituições diversas que gerenciam essas séries através de mecanismos não só disciplinares, mas fundamentalmente biopolíticos, produzindo formas de ser, gerenciando a vida e dando sentido capitalista ao que é produzido pela multidão. Essas instituições se tornam tão sutis quanto mais sutis se tornam as forças produtivas do capital, o que implica em dizer, por exemplo, que sobre a produção "independente" do vídeo se sobrepõem instituições privadas financiadoras que controlam esta produção, vinculando-a a marcas prévias e intervindo ou selecionando o conteúdo em função daquilo que é "economicamente viável", "socialmente válido", "politicamente correto" etc. Não se discutem, pois, os poderes em torno do sentido de "economicamente viável" ou de "politicamente correto", mas sentem-se seus efeitos como instituições reais de controle sobre a produção autônoma da multidão. Assim, como se dizia acima, é possível que sobre a autonomia de nosso vídeo talvez se sobreponham modelos sutis - produzidos pelas "tendências" muito bem trabalhadas do mercado e do consumo - que conformam em parte a nossa produção e influem em nossas decisões.

Voltando ao filme, vemos que as máquinas plantavam homens em série. Mas não era desse arranjo que conseguiam extrair as energias necessárias para funcionarem. Sua eficácia se dava em saber sugar, com o máximo de destreza, as energias das próprias criações mentais do homem. Para isso, bastava-lhes fornecer uma matriz. Assim como no filme, a nossa "Matriz-capital contemporânea" não cria histórias seriadas de antemão tão fortemente como fazia outrora. Se as histórias se repetem - homens trabalham, pessoas casam etc. -, isso não é tanto a intenção principal das "máquinas" extratoras de energia. O mais importante é fazer os corpos sentirem, viverem e criarem, sem monotonia ou depressão. É disso que se extrai as energias para o sistema e não apenas fazer os homens agirem de uma maneira específica. Assim opera o controle em nossa sociedade. O capitalismo produz homens e subjetividades em série e agora mais do que nunca. Mas não é daí que ele tira o princípio de sua força.

O capitalismo aprendeu a extrair, sempre que possível, sua força da produção dos próprios homens. Agora ao estarmos vivos, criando, atualizando e reinventando a vida - como venho fazendo com meu amigo na produção do vídeo -, estamos permitindo que o capital se mantenha. Sua força se dá pelo

controle sobre a vida, seu poder se imiscui na vida, sua força é, agora, um biopoder. Como nas máquinas do filme *Matrix*, o capitalismo extrai sua força da nossa energia vital, das nossas artimanhas, das nossas dores e aspirações. Como nas máquinas do filme, as revistas e as universidades provadas saberão usurpar do encontro produtivo entre eu e meu amigo para sustentar a sua máquina de capital. Como no filme, as nossas vidas, os nossos desejos, os nossos encontros estão sendo seguidos o mais intensamente possível para que nada seja desperdiçado pela máquina capitalista. Para esta máquina, tal qual as máquinas do filme *Matrix*, energia é atividade, trabalho, desejo. Controlar essa energia é exercer poder. Diagrama de controle sutil, virtual, intensivo e extensivo que se exerce tanto sobre a produção de um simples vídeo, quanto sobre a minha vida, sobre a sua vida, sobre a nossa vida. Um poder que se estende não apenas sobre aquilo que organiza de antemão - tal qual a sociedade disciplinar e seu espaço-tempo institucional, cerrado, "entre-muros". Mas que privilegia e se exerce também como um controle *a posteriori* sobre a vida que é, *a priori*, autônoma e comum. Este filme nos introduz ao mundo do controle. Um mundo de uma nova organização das forças sociais. Um cenário onde as subjetividades são produzidas em uma escala diferente, por técnicas diversas das disciplinares, vigiadas por outros aparelhos e tornadas produtivas a partir de princípios outros que aqueles tradicionais princípios da disciplina. Uma série de mudanças sociais vem sendo empreendida para que as técnicas de controle mantenham sob o manejo lucrativo do capital as novas formas de produção do mundo e de subjetividades.

Há que se apontar aqui, por outro lado, que esse filme não deixa de retratar uma série de movimentos de luta que se dão justamente através desses mesmos processos de produção de subjetividade. As lutas contra as máquinas se dão exatamente no interior dela. Não basta mais inventar uma realidade para além da Matriz, os homens devem ser acordados e mudarem "de dentro" dela. Reinventá-la, reconstruí-la é a maneira mais eficaz de mostrar os seus limites e apontar as suas violências. Nossa realidade "democrática e serena", apresentada como modelo único e final numa falsa sensação de autonomia e prazer, é desmontada através de focos de libertação intensos e constantes que se dão através de figuras as mais diversas e sem nenhum "partido" ou movimento homogeneizador. Ilustrar a multiplicidade de formas do mundo e a violência



implícita que se esconde sobre o lema da "liberdade" é o que buscam esses "rebeldes".

Diante disso, devemos manter sempre em mente o sentido da complexidade das novas lutas do universo produtivo. Devemos estar sintonizados também com os grandes exercícios de poder de uma sociedade que se torna sociedade de controle e que dá as mãos com os discursos libertários e liberais. Por outro lado, a partir das discussões em torno do trabalho imaterial, poderemos melhor compreender que movimentos são esses que emergem em países em que o trabalho imaterial é a configuração mais desterritorializada do capital, bem como que espaços de luta devem ser inaugurados diante de nós. Um empenho na construção e apropriação total do trabalho vivo pela multidão deve garantir a liberdade e a autonomia a todos, seja pela recusa da exploração e corrupção do trabalho imaterial, seja pelo investimento completo na idéia e no fazer público e comum do trabalho. Proceder dessa maneira nos sinaliza ao fato de que as subjetividades produzidas pelo trabalho imaterial vêm se reunindo num esforço sincero de superar a exploração, a insegurança e o poder sutil empregado pelo capitalismo imaterial. E disso, uma evidência: a vida é a afirmação do homem produtor de caminhos que criam e burlam qualquer sujeição. Encontrar a vida é, pois, produzir criação e resistência, sempre através da ação, coletiva e afetiva.

Um resumo, então, do trabalho imaterial. Valor social e afetivo mais do que valor sobre tempo de trabalho. Exploração por intensidade mais do que sobretrabalho não-remunerado. Produto social mais do que individual. Instrumento de trabalho inevitavelmente coletivo - o cérebro - mais do que propriedade individual dos meios de trabalho.

### **Bibliografia**

HARDT, Michael e NEGRI, Toni. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. e NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

■.....Thiago Drummond é psicólogo, mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense.